



**É NECESSÁRIO
PERSISTIR EM
ESPERANÇAR
PARA APRENDER
A LER O MUNDO E
TRANSFORMÁ-LO.**

Joanna Nobile // SP, Brasil “O conceito central do cartaz é ser um lembrete que ainda vale a pena de persistir em esperar. O ano de 2021 ainda tem nos rendido muitos desafios e com tantas dificuldades enfrentadas no dia a dia fazer a diferença torna-se algo ainda mais desafiador. Entretanto as palavras de Paulo Freire sobre aprender a ler o mundo e transformá-lo com esse aprendizado, está mais do que nunca ligada a ideia de esperar para ser a transformação que o mundo precisa.”

1 Convidado

Atualidade de Paulo Freire e os dilemas da pandemia

Isabela Camini¹

Paulo Freire, nas palavras de Milton Santos, foi o “guardião da utopia”. E tinha plena consciência de que só poderia sê-lo, desenvolvendo a capacidade de compreender o “seu estar sendo no mundo” e de compreender o mundo em que estava inserido (Moacir Gadotti).²

Este texto se pretende uma reflexão sobre a atualidade de Paulo Freire para o Brasil e para o mundo no contexto da pandemia. Ela toma mais importância e sentido pelo fato de estarmos celebrando o seu centenário na América Latina, Caribe e outros tantos países, todos mergulhados na dor e no luto de uma pandemia que alcançou o mundo, para nos mostrar como as dinâmicas do capitalismo se mostram contra a humanidade e contra a vida.

1 Doutora em Educação pela UFRGS. Do Setor de Educação do MST. Autora dos livros: *Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola*, São Paulo. Expressão Popular, 2009; e *Cartas Pedagógicas – aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*, São Paulo, Outras Expressões, 2012.

2 Prefácio da obra de: PITANO, Sandro De Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. *Paulo Freire uma arqueologia*. Curitiba, Appris, 2019, p. 13.

Por conta das restrições impostas pela pandemia para celebrarmos o seu centenário de forma presencial, nos utilizamos de ferramentas inimaginadas à época em que ele viveu e escreveu seus livros. Ainda que saibamos o lucro exacerbado obtido por milionários donos destes meios de comunicação virtuais, essas são as formas encontradas para esta celebração.

No Brasil, terra natal do Educador do Povo, neste momento em que escrevo, somam mais de 500 mil óbitos pela Covid19, muitos dos quais seriam evitados caso tivéssemos um Presidente responsável, com empatia para com o povo, que providenciasse vacinas em tempo hábil para todos. A este cenário somam-se retrocessos em diferentes campos sociais e políticos. Em contraponto, observa-se atos de resistência, amorosidade e de coragem do povo, que mesmo em luto, não desiste da luta. Hoje não está mais nas ruas, puxando marchas contra as tantas indecências, em respeito à grande maioria da população cujo braço ainda não foi alcançado pela vacina. Ainda que o tempo nebuloso embaralhe nossa visão, somos milhares no mundo, guardiões do legado humanizador e emancipatório, e engajados na defesa incondicional da história e memória de Paulo Freire.

Por se pretender um texto afirmativo, propositivo e fomentador de esperança desde sua introdução, minha convicção é que a Pedagogia por ele vivenciada e sistematizada, continua necessária em nossas práticas sociais, desde que sejamos uma presença educativa, com postura ética de aprender com o povo. Sua pedagogia se multiplica a partir de todos nós, mulheres, homens, jovens e crianças, cuja luta por um mundo onde seja menos difícil amar nos acompanha há tempo. Se multiplica na pedagogia dos Sem Terra, dos sem casa, sem vacina e sem direitos básicos, nos sujeitos sociais do campo, da floresta e das águas que se organizam para lutar. É notório como o estudam e o reinventam em suas práticas sociais concretas, os povos ribeirinhos e pescadores, os indígenas e quilombolas. Conforme seu predileto amigo, Dom Pedro Casaldáglia, Paulo Freire é o educador-mor do Brasil e em boa medida de todo o Terceiro Mundo, e um oportuníssimo reeducador também do Primeiro Mundo (MST, 2020, p. 11). Redescobri-lo na prática atual é a única e a melhor forma de manter vivo o seu pensamento.

Aqui afirmamos sua atualidade porque todas as contradições sociais, próprios do sistema capitalista, de que ele tratava e interrogava à época, continuam a existir, agravadas nos últimos anos. Vejamos alguns. Temos ainda no Brasil 14 milhões de analfabetos. A tão necessária Reforma Agrária não saiu do papel. A problemática da relação opressor e oprimido não se resolveu. As ditaduras contra a classe trabalhadora estão em curso. A escola bancária retorna com força pelos

projetos de Escola Cívico-Militar e Escola sem Partido, com fortes indícios de autoritarismo. Ainda temos falta de formação humana para os educadores obrigados a trabalhar em escolas com estruturas precárias e insatisfatórias. A luta por uma educação emancipatória está por ser concretizada. Evidencia-se forte tendência ao projeto de educação domiciliar, responsabilizando a família pela educação e ensino dos filhos, retirando o Estado de sua responsabilidade constitucional, uma conquista do povo. Há que se ter esperança do verbo esperar nos diria o Mestre, sem desvinculá-la das lutas necessárias e urgentes.

Questões nos inquietam

A exemplo do educador das perguntas, o próprio título acima sugere questões desafiadoras, cujas respostas não cabem neste texto, mas serão encontradas em suas obras. Sua formulação já nos dá pistas de reflexão: Em algum momento da história da Educação no mundo, o pensamento de Paulo Freire foi desatualizado? Quais os meios utilizados pela classe dominante para tentar desconstruir o legado de Paulo Freire? Por que razões buscam afastá-lo dos debates da Educação Brasileira, apagando a memória e a sua história? Com que propósitos o governo federal tentou negá-lo, retirando seu título de Patrono da Educação Brasileira? Quantos pensadores são lembrados no mundo inteiro em seu centenário, depois de 24 anos de sua partida? Por que suas obras continuam lidas, inspirando e indagando as práticas pedagógicas de sujeitos sociais imbuídos de esperança, que lutam por um outro mundo possível? Por que seu nome e sua pedagogia são encontrados em tantas escolas do campo, escolas itinerantes, associações, centros de formação, assentamentos, e recentemente seu nome é dado a hortas orgânicas, pomares comunitários e espaços de plantações de árvores? Por que é citado milhares de vezes em teses e dissertações no mundo inteiro?

Haverá prova mais cabal do que vemos hoje, concretamente, o desejo que ele tinha de alfabetizar em 1964, levado adiante pelos camponeses do Nordeste brasileiro junto com o Projeto cubano - *Sim eu posso*³, que tem alfabetizado milhares de pessoas, esquecidas pelo sistema capitalista excludente? Uma carta escrita por Anita/1962, alfabetizadora cubana, nos diz a beleza que perpassa o compromisso que temos de não parar de alfabetizar até quando houver uma só mulher,

3 <https://mst.org.br/tag/sim-eu-posso/>

um só homem esquecido, analfabeto em nosso país. Outro dia, o meu pai disse algo maravilhoso quando falávamos sobre a Campanha. Ele disse que durante a campanha, os camponeses descobriram o mundo das palavras e os brigadistas descobriram o povo esquecido de Cuba (ANITA, apud LANGER, 2020, p. 325).

Estas e outras questões nos levam a crer que Paulo Freire em nenhum momento da história, especialmente em tempo de Exílio e pós morte, caiu no esquecimento da classe trabalhadora. Como escrevia e publicava com frequência, suas obras nos alcançavam uma seguida da outra, conforme nos conta: “não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto valem a pena ser tentados” (FREIRE, 1994, p.16).

Obviamente, nós que o estudamos, encontramos uma extraordinária riqueza pedagógica em suas obras. Um verdadeiro romance de formação humana e emancipatória. Desta forma, educadores populares, da educação formal, média e superior do mundo inteiro, foram alimentados pelo seu pensamento pedagógico alinhavado com profundidade no Pedagogia do Oprimido, seguido pela Pedagogia da Esperança, da Autonomia e da Indignação. Obras que não se esgotam nunca. Haverá prova mais cabal de sua atualidade do que estas obras serem remexidas das prateleiras no seu centenário, traduzidas em outros idiomas em tantos países? Batizado pelo povo: Paulo Freire, o Educador do Povo, se atualiza à medida do movimento da história, resistindo a todos os enfrentamentos e ataques da classe dominante à sua vida e obra. Naturalmente, o Mestre da Pedagogia do Oprimido, da Educação como prática da liberdade e da emancipação humana, é atacado porque interroga a riqueza acumulada, a ganância imensurável, a falta de sensibilidade, a arrogância e a insensatez.

Obviamente, essa investida de ataques a Pedagogia freiriana, ocorre porque ela desestabiliza e interroga aqueles que não aceitam perder privilégios e preferem viver acomodados e bem nutridos na sua zona de conforto, situação alcançada pela exploração da mão de obra de muitos trabalhadores. É comum vermos os opressores, quando abordados pelos questionamentos, reagirem pelo grito, pela violência e arrogância própria daqueles e daquelas cujas posturas são autoritárias.

Cinquenta anos de Pedagogia do Oprimido

Outra prova cabal de sua atualidade no mundo se deve aos 52 anos de sua obra clássica - *Pedagogia do Oprimido*, editada em 30 idiomas em diferentes países. Esta obra chegou ao Brasil pelas mãos de uma jovem religiosa americana, missionária no Nordeste. Consciente de que Paulo Freire era perseguido no Brasil, ela trouxe consigo algumas obras de que dispunha, encapadas de imagens religiosas. Desta forma, tantos militantes puderam colocar a mão e ler este livro antes mesmo da sua publicação em português, apenas em 1975. Na obra *Pedagogia da Esperança*, Paulo nos revela mais uma vez seu caráter e personalidade, mostrando respeito diante de quem inspirava em seus escritos. Na dúvida se os oprimidos entenderiam o que escreveu, entregou o primeiro capítulo deste livro a uma aluna negra que teve em Harvard, e solicitou que o lesse. Ela o entregou ao filho também. Dias depois, ele respondeu: “este texto foi escrito sobre mim. Ele trata de mim” (Freire, 1992, p. 75). Com esta resposta, Paulo seguiu sereno e confiante de que aqueles que o haviam inspirado, continuariam o inspirando para outras tantas obras. Este jovem se viu na condição de oprimido na sua experiência existencial, como descreve Paulo. Precisamos lembrar que esta obra é atual porque trata da dramaticidade do momento histórico em que viveu e do momento histórico em que nós vivemos. Em tempos passados e hoje, o autor coloca o ser humano como centro na busca de seus direitos. Ou seja, o direito a humanização.

Ao escrever *Pedagogia do Oprimido*, nos deixou um legado, regado de solidariedade para com os oprimidos, cuja miséria, machuca, fere a dignidade humana. Solidário com a dor e humilhação geradas pela opressão, nos alertou para não nos iludirmos de que para sair da condição de oprimido, basta mover-se para o lugar do opressor. Grande engano. Trocando de papéis, nada muda, ninguém se liberta. Somente a conscientização e a consequente mudança de práxis, sem vingança, nos libertará do vírus do ódio que habita, tanto o opressor quanto o oprimido. Paulo Freire fazia tudo imbuído de amor e teimosa luta pela solidariedade. Há indícios de que a cura e o perdão vêm pelos atos solidários (CAMINI, 2020, p.10-11).

A depender do compromisso selado com a classe trabalhadora na celebração do centenário, essa obra chegará aos 100 anos, atualizada pelo seu conteúdo,

em pleno diálogo com o oprimido e com os grandes mestres da literatura. Fernando Haddad recentemente nos disse: Paulo Freire escrevia de uma maneira muito parecida com Machado de Assis⁴. Ou seja, ao aproximar-se dos mestres da literatura, nunca descuidou do diálogo com a realidade vivida pelos oprimidos, seus prediletos interlocutores e inspiradores. Andarilhando em muitas partes do mundo, dialogou com operários e camponeses, como fez ao visitar o Assentamento Conquista da Fronteira, do Movimento Sem Terra no Rio Grande do Sul em 1991, em um encontro com jovens alfabetizadores. Dialogou com acadêmicos, que nem sempre concordavam com suas ideias. Seu pensamento encontrou solo fértil no terreno da medicina, da física, da matemática, da sociologia, ciências sociais, humanas e naturais.

Ainda que seja a pretensão de todos os escritores, são raras as obras capazes de dialogar com sujeitos sociais diferentes, vivendo em condições adversas. Paulo Freire dialoga com o pensamento dos oprimidos, porque os conheceu, conviveu ao lado deles, e nunca caminhou à sua frente. Sentou-se à mesa e ouviu deles o sentimento mais profundo que os habitava - o sentimento de perceber-se *excluído*, na escala social dos oprimidos, convivendo, dia após dia, com o *sem* cravado no seu peito: sem teto, sem trabalho, sem-terra, sem escola, sem direitos básicos, e com sua dignidade roubada pelo capitalismo opressor.

Paulo tomou posição ao lado deles em Angicos, na Bolívia, no Chile, na África. Suas obras são a expressão de que em momento algum vacilou, colocando-se dúvidas de que lado da história deveria estar. Em diálogo com Dom Pedro Casaldáglia, encarnou em si o seu ensinamento: na dúvida, fique ao lado dos pobres. Esta frase calou fundo no seu peito, reafirmando nele os valores humanos e cristãos dos quais nunca se distanciou. Com plena consciência e maturidade nos mostra a favor de quem lutou até o final de sua vida:

Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da justa ira dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever

4 Joaquim Maria Machado de Assis foi um escritor brasileiro, considerado por muitos críticos, estudiosos, escritores e leitores um dos maiores senão o maior nome da literatura do Brasil. Nasceu em junho de 1839 e morreu em setembro de 1908.

de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 1997, p, 201).

Paulo Freire foi um homem que conheceu a fundo os sentimentos dos oprimidos, porque os escutou atentamente, e desde esta escuta, aprofundou a reflexão acerca da pedagogia que estes seres humanos eram portadores, capazes de se libertar coletivamente e em comunhão. Ele viu no coração do oprimido, sinais de maestria de si mesmo. Se foi preso e exilado, foi porque desejava ardentemente ver o povo alfabetizado, em condições de ler o mundo com seus próprios olhos. E mais, interrogou a classe dominante quando o Pedagogia do Oprimido se espalhou no meio do povo, alcançando aqueles que escutou e compreendeu em sua angústia e invisibilidade.

Pelo seu conteúdo, pelos sujeitos com quem dialoga, amorosa e respeitosa-mente, esta obra não envelhece nunca. Tampouco envelhecerá aquele que deslizou seus dedos sobre o papel e usou da pena para escrevê-la com seu próprio punho. Uma das suas obras mais lidas no mundo inteiro, continua a nos provocar ao diálogo, a nos fortalecer na luta por uma Educação como prática da liberdade, humanizadora e emancipatória. O centenário é a oportunidade de radicalizar a Pedagogia do Oprimido, porque existe um projeto em curso de produção em massa de oprimidos pela fome, analfabetismo, desemprego, falta de escola pública, falta de vacina para todos, pela pandemia. Não há obra mais atual e apropriada para nossos estudos neste momento histórico nebuloso, sem vermos a luz no fim do túnel.

Ainda que Paulo Freire tenha interrogado a escola bancária de sua época, e que tenhamos lutado para transformá-la em uma escola de formação humana, democrática, de acolhimento e respeito ao ser humano, há sinais visíveis de que a educação bancária resiste, alimentada e fortalecida por pessoas autoritárias que a querem ver intacta, aos moldes do projeto de escola Cívico-Militar e Escola sem Partido que vem disputando e ocupando territórios hegemônicos. Um exemplo disto ocorre em uma escola municipal de Porto Alegre. Com o nome de *Leocádia Prestes*⁵, essa escola se encaminha para assumir o projeto cívico-militar. O que

5 Maria Leocádia Felizardo Prestes foi a mãe de Luís Carlos Prestes. Ele foi militar e político comunista brasileiro, personalidade influente no país durante o século XX. Faleceu em março de 1990, no Rio de Janeiro.

Paulo Freire diria quanto a um ataque deste tipo a uma escola pública que leva o nome de uma comunista?

Quem lê e estuda as obras de Paulo Freire não sustentará, de forma alguma, projetos como este, mergulhados no autoritarismo. Quais as tarefas que nos cabem pós-pandemia e pós Bolsonaro? Celebrar seu centenário é um modo de soprar os ventos de sua pedagogia, mais fortes e mais longe. Com ele, contrariamos e jogamos no lixo os projetos autoritários citados acima.

Paulo Freire - a esperança e o compromisso

Em que pese a realidade conjuntural deste momento, precisamos manter acesa a esperança do verbo esperar, pois enquanto houver ser humano, haverá Paulo Freire. Pela nossa experiência, seres humanos se multiplicam como sementes semeadas em solo fértil, diante dos olhos de quem preparou o solo e as semeou. Seres humanos são semeadores de seres humanos. Seres humanos não plantam opressores, assim como opressores não cultivam seres humanos. Prova cabal é o número de crianças Sem Terrinha alcançando a história e a memória deste educador do povo, construindo místicas, cartazes, poemas, caricaturas, poesias e fazendo cantorias nas varandas já que não podem fazê-las na escola presencial: *Aqui ninguém vai esquecer Paulo Freire. Essa é a força pra gente viver. Essa é a força pra gente lutar*⁶.

Mesmo que a classe dominante tenha insistido em movimentos autoritários para tirar Paulo Freire dos nossos projetos, perspectivas sociais, e sobretudo, para negá-lo como Patrono da Educação Brasileira, ele continua vivo, nos fazendo pensar e escrever, ainda mais neste momento tão difícil, em que o autoritarismo tem retornando com força maior. Como não temos vacinas para todos, não podemos ocupar as ruas para protestar contra as indecências e a falta de sensatez das autoridades. O que temos visto no ano de seu centenário, é que quanto mais o negam, mais ele brota viçosamente no meio do povo.

Nessa ótica, podemos afirmar que nossa teimosia, determinação e trabalho incansável no enfrentamento do luto sem descuidar da luta nesta pandemia somam-se ao cultivo de nossa presença ao lado do povo oprimido: os sem vacina, os sem salário, sem escola, sem renda emergencial justa. Estamos ao lado daqueles com

6 Professor Leandro Maia/UFPEL, é compositor desta música para os Sem Terrinha.

os pés descalços sobre a terra vermelha. Enquanto tiver oprimidos, terá Pedagogia do Oprimido, porque são eles os portadores e únicos capazes de libertar-se do opressor. Está dentro deles esta força e energia que os move.

O quadro atual potencializa a presença humanizadora e transformadora de Paulo Freire em nossas escolas, no currículo e na organização do trabalho escolar no seu conjunto. É função nossa abrir espaços, reforçar e reservar um lugar para a releitura das obras freirianas em todos os espaços educativos, não só na escola, nos ajudando mutuamente a reconhecer que temos uma vida toda para viver um pouco do que ele viveu, educando e cultivando em nós as virtudes de tolerância, amorosidade, gratidão, respeito ao ser humano. Cem anos de Paulo Freire, são cem anos de esperança.

Por todas as atividades que estão em curso, em homenagem ao seu centenário, se confirma que o mundo inteiro está sedento de Paulo Freire: das suas ideias, audácia, amorosidade, ousadia, coragem, determinação, sabedoria e humildade. Está sedento de mãos que escrevem e mentes pensantes. Está sedento de uma releitura da Pedagogia do Oprimido e da Esperança, porque são obras mais que livros de Pedagogia. Como exercitar essa pedagogia em tempos sombrios, de tanta violência contra as mulheres, contra as infâncias, povos indígenas? Como problematizar a realidade e elevar a capacidade de análise e compreensão do povo? Há que se dizer que no mundo têm aumentado os oprimidos. Os opressores são em menor número, porém usam de forças e munições, sutis e poderosas: a fome, a falta de vacinas, falta de políticas de saúde física e mental, abandono da infância e falência dos órgãos de segurança, entre outros tantos ataques à Democracia. Que ele nos empreste seus olhos para podermos reler o mundo desde os aprendizados de uma vida cuja lama da impunidade e da sem-vergonhice dos que oprimem o povo não nos afastará da luta e do sonho por justiça e liberdade.

Não tenhamos dúvidas, Paulo Freire continua atual na América Latina e Caribe e no mundo. Para citar alguns países, é presente na memória e na história de lutas pela emancipação na França, Portugal, Suíça, África, Ásia, Haiti, Palestina, Rússia, Cuba e nos Estados Unidos⁷. No Brasil, o seu legado está revigorado. Suas obras são remexidas, libertadas das estantes, folheadas e lidas à luz da realidade que nos cerca.

7 Recentemente o Texto: O Encontro de Paulo Freire com o MST, de autoria de João Pedro Stédile e Isabela Camini, foi traduzido em Inglês, e está sendo estudado em muitos espaços escolares e não escolares.

Recentemente, em uma Live, Ana Maria Freire nos contou de seus 7 anos de trabalho para organizar a biografia de Freire. Surpreendeu-se ao vê-lo citado 72.358 vezes em teses e dissertações no mundo inteiro, junto com 3 mil dissertações e teses fundamentadas em seu pensamento. Haverá prova mais contundente que esta, de que ele não morrerá nunca? Sua pedagogia quer alcançar uma prática humanizadora, onde se possa sonhar com a bondade e a beleza, ainda em curso, ou em alguns casos, nem iniciada.

É provável que esse revigoramento se deva ao fato de estarmos vivenciando uma ditadura maquiada de democracia, causando danos imensuráveis à vida do povo através da perda de direitos, privatizações das Estatais, juros altos, desemprego, pauperização da classe trabalhadora, entre outras coisas que ferem profundamente a vida humana. Isto nos faz lembrar os temores vividos na ditadura iniciada em 1964, que levou Paulo Freire à prisão e ao exílio por 16 anos, assim como tantos outros militantes que foram mortos nas prisões e desaparecidos, causando dor às famílias até hoje, deixando o Brasil profundamente marcado pelo ataque a Democracia, tão cara a todos nós. Neste sentido, lembro aqui de uma fala de Paulo Freire a um grupo de alfabetizadores do MST. Sem rancor algum e com a serenidade de que era portador em suas falas, disse:

Eu não tenho dúvida, talvez eu não seja humilde, mas nem sempre a humildade vale. Por causa de brigas como estas de vocês, eu passei 16 anos proibido de voltar ao Brasil, eu fui preso, eu fui expulso da universidade onde eu trabalhava, eu fui obrigado a deixar o país, precisamente porque eu acreditava que era preciso e possível ter tardes como estas (MST, 2020, p. 107).

Eis a urgência de compreendermos os meandros da conjuntura atual para podermos fazer a resistência, lutar pela vacina, e tão logo ela alcançar os nossos braços, fazermos as nossas marchas contra a indecência, contra as injustiças cometidas pelo governo sem nenhuma empatia com o povo em luto, obrigado a lutar pela sobrevivência. Uma luta que se faz necessária pela ajuda emergencial justa e pelo Impeachment deste governo.

Ao nos referirmos ao cultivo de seu legado, acredito que a releitura de suas obras que tratam especificamente de Pedagogia: do Oprimido, da Esperança, da Autonomia e da Indignação nos ajudaria, nos daria argumentos de que precisamos para responder quais as questões sociais, políticas, educacionais, e de formação

humana, libertadora e emancipatória precisamos resolver e que a Pedagogia do Oprimido poderia nos ajudar.

É urgente recolocar Paulo no debate da formação humana, integral e emancipatória dos educadores. Precisamos pautar a questão da pandemia na escola, estudando as razões de tanta proliferação de vírus nos últimos tempos. Como fica o Meio Ambiente em tudo isso? Será um tema a integrar o currículo, porque a escola não será a mesma de antes da Covid-19. Terá que se reinventar em todos os aspectos. Como trataremos do luto, dos sentimentos das crianças órfãs, com medo, inseguras, distraídas, violentadas? Teremos que lutar para que o Estado faça a sua parte. Estado e sociedade civil terão que encontrar caminhos seguros para o desenvolvimento das infâncias. Criar centros de formação, terapias coletivas, escutas individuais. Pensar uma alimentação saudável para fortalecê-las. Cuidar para que essas crianças não sejam medicalizadas como forma camuflada de amenizar sua dor pelo abandono e maus tratos, muitas vezes abusadas por quem pretensiosamente se diz seus cuidadores. Esta questão é mais preocupante ao vermos se concretizar a proposta do ensino domiciliar, onde a violência tem se mostrado mais danosa para as infâncias e para mulheres.

Sem dúvida, nesta conjuntura de ataque à pessoa de Paulo Freire, precisamos contar com a força pedagógica e organizativa dos Movimentos Sociais que primam pela democracia. Pela sua prática social defendem a grandeza de Paulo Freire e suas obras, no Brasil e no mundo. Essa grandeza não pode ser cancelada por decreto e determinação daqueles antagônicos ao seu pensamento. Gostando ou não dele, por sua grandeza, Freire não pode deixar de ser conhecido. Enganam-se aqueles que pensam assim. Quanto mais querem tirá-lo de cena, mais ele brota no meio do povo, é lido, estudado, debatido e vivenciado na prática, reinventado e recriado como era o seu desejo. Como diz Chico Buarque de Holanda: quanto mais atacam Paulo Freire, com maior intensidade nós lutaremos pela sua história e memória.

Todos os eventos que orientam a sua releitura somam-se e provocam uma *vacina contra o vírus* da intolerância e do ódio nestes tempos de ataque às instituições públicas. É um vírus que afronta a nossa ainda jovem democracia em perigo. Uma vacina contra esse sistema social capitalista desumano, que em tempos de pandemia permite aumentar abusivamente a renda dos poucos bilionários, enquanto a maioria pobre luta para não morrer de fome.

Essa pandemia nos colocou frente a nós mesmos, e nos desafia a construir um projeto que se fundamenta na pedagogia da solidariedade “do povo cuidando

do povo”. Para alcançarmos esta pedagogia, é preciso cultivar as virtudes necessárias a quem educa e se deixa educar humanamente. Freire anunciava e cultivava nele mesmo as virtudes necessárias a um ser humano: o diálogo franco, com respeito, comprometido com essa sociedade e seu projeto social. Ele sabia ouvir e anotava tudo o que ouvia. Ele educou em si mesmo as virtudes da solidariedade, fraternidade, humildade, da tolerância, do amor. Por isso incomodou os defensores da Ditadura e continua a incomodar os ditadores da atualidade.

A atualidade o inquietava

Há que se dizer que Paulo Freire continua sendo atual porque soube viver conectado ao seu tempo. Atentamente envolvido com os fatos que o cercavam, desejou escrever sobre eles de forma livre, dialogando e refletido com o leitor, sem aprisionar-se a nenhuma metodologia. Essa atenção e escuta do mundo ao seu redor o acompanhou até os últimos escritos. No final da vida, realizou um sonho há tempo acalentado, como nos diz: “Fazia algum tempo um propósito me inquietava, escrever Cartas Pedagógicas em estilo livre, em que eu fosse tratando problemas, destacados ou ocultos, nas relações com filhas e filhos ou alunas e alunos na experiência do dia a dia” (Freire, 2000 (a), p. 29). Para entendermos melhor o quanto era um pensador atento, é oportuno mencionar a última Carta Pedagógica deixada sobre sua mesa, inacabada. Ela trata do Assassinato do Galdino Jesus dos Santos, índio pataxó. Quem não lembra o fato espantoso, de crueldade sem limites, cuja dor foi sentida por todos nós? Certamente perplexo pela brutalidade dos jovens, inicia a carta dizendo: “Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade” (Freire, 2000 (a), p. 65). Escrita em 27 de abril de 1997, ele analisou a malvadeza, a frieza e a falta de uma educação firme que faltou a estes jovens.

Segura de que sua atualidade dependerá de nós, eis um fragmento de uma Carta escrita a Paulo em preparação ao seu centenário:

Paulo, ainda tenho muito a lhe contar. É possível que não caiba nessa carta. O momento político atual está crítico, exigindo de nós coragem, mais do que quando você partiu. Os ataques à classe trabalhadora

alcançam a educação e ao seu legado pedagógico. A classe dominante no poder em nosso país está ameaçando retirá-lo de Patrono da Educação Brasileira, título recebido por você em 2012. Contudo, a cada ataque, surgem ações que embelezam o povo trabalhador. Acho que em nenhum momento da história você foi tão lembrado quanto hoje. Pesquisas e releituras que atualizam o seu legado aparecem, mais e mais (CAMINI apud MST, 2020, p. 20).

Quantas Cartas Pedagógicas deveríamos escrever hoje, denunciando as injustiças cometidas contra o povo?

Ainda que ele tenha se despedido de nós há 24 anos, deixando sobre a mesa a Carta inacabada, nós cremos nas palavras de José Martí, poeta e líder Cubano: “Morrer é fechar os olhos para ver melhor”. De outro lugar, ele acompanha a sementeira do seu legado germinando no meio do povo: um projeto de educação como prática da liberdade, de amor ao ser humano, instigando aqueles que buscam uma sociedade justa e fraterna, a ser exercitada, na escola, na vida cotidiana, nas rodas de conversa, na entrega de alimentos, nas reuniões e cursos de formação, entre outros espaços onde ele gostava de estar.

Não há dúvidas de que diante de tudo isso, Paulo Freire virou uma *causa*, por isso a elite não o quer como Patrono da Educação Brasileira. É verdade, ele não representa a Elite. Ele representa o Povo Brasileiro, o povo de Darcy Ribeiro, o povo de Dom Helder Câmara, de Dom Pedro Casaldáglia, com seus pés descalços sobre a terra vermelha, aquele povo de que nos falam Josué de Castro e Florestan Fernandes. Daquele povo acampado, assentando, produzindo alimentos sem venenos. Somos nós da classe trabalhadora os defensores de seu legado.

Nossa reflexão se fundamenta na gratidão a Paulo Freire, um ser humano que pensou e escreveu muito sobre Educação, e que nos deixa um legado pedagógico incontestável, que ultrapassou fronteiras, semeando o desejo de autonomia e liberdade, insistindo no sonho a favor de quem busca a liberdade, a justiça, e tudo o que implica fazermos esta luta. Por isso é conhecido e reconhecido no mundo todo, reinventado e recriado em tantos espaços educativos, na cidade, no campo, na floresta e nas águas.

Na pretensão curiosa de entender sua atualidade, busquei saber o que dizem alguns pensadores. Henry Groux, educador norte-americano, diz que Paulo Freire é um Cruzador de Fronteiras: das ciências e das artes, das profissões e das culturas, dialogando com camponeses e ao mesmo tempo com a academia, em muitas

partes do mundo. Enrique Dussel - filósofo argentino, nos lembra que Paulo é o melhor educador do século XX e XXI, por isso permanecendo vivo na história. Para Milton Santos, é o guardião da Utopia. Darcy Ribeiro, o tinha como um homem de fé, que ele dizia não ter. O professor Balduino Andreola o chama de Andarilho da Esperança. Para Oscar Jara, presidente do CEAAL⁸, Paulo Freire foi um educador que nunca perdeu a capacidade de admirar-se diante dos fatos e pessoas. Chico Buarque nos diz: Por mais que ataquem PF nós lutaremos pela sua memória e sua história. Para Carlos Rodrigues Brandão, ele era o menino que lia o Mundo. Para a escola pública, ele é o maior farol pedagógico. E para completar esses depoimentos, é oportuno o que segue:

Muchos que te conocieron sólo por tus libros, quizá pudieron percibirlo, pero quienes tuvimos el privilegio de conocerte, podremos estar de acuerdo en que, arrojando ese pensamiento lúcido y transformador, estaba el SER HUMANO MÁS HUMANO que yo haya conocido, como lo he dicho y escrito tantas veces desde que te conocí (HURTADO, apud Colectivo Nacional Del CEAAL em Cuba, 2000, p. 6).

Inegavelmente, na celebração de seu centenário nos veio aos olhos um Paulo Freire vivo, revigorado, sem nenhum temor de enfrentar com amorosidade, característica própria, o que virá pela frente. Lembrado e estudado no mundo inteiro, ele continuará a nos inspirar, a nos fortalecer em nossas lutas em tempos de dor, de luto, em que as lágrimas continuam a verter em nossos olhos e a rolar em nossas faces. Precisamente temos uma tarefa, ser jardineiro: preparar o solo, semear, regar, cuidar, admirar. Se fizermos isso pacientemente impaciente, colheremos os frutos de uma Pedagogia da libertação e emancipatória, forjada pelos oprimidos, cuja opressão os judiava tanto, a ponto de buscarem se organizar e forjar sua libertação.

Afirmações necessárias

Sem esgotar a fertilidade desta reflexão, reafirmamos que a atualidade do Educador do Povo dependerá da qualidade de nossas práticas sociais concretas na

luta pela emancipação e humanização das pessoas, cuja exclusão e opressão não as deixam amanhecer e anoitecer sem lhes doer na alma. Nós o atualizamos ao assumirmos uma postura não subalterna e violenta; quando marchamos para ocuparmos escolas, latifúndios, casas para morar, rodeadas de hortas e jardins; quando nos rebelamos e levantamos a cabeça, como seres pensantes, reflexivos e com postura ética; quando coletivamente fazemos perguntas sobre a realidade ao nosso redor; quando vemos as lágrimas correrem no rosto do trabalhador desempregado dizendo: “eu tenho fome de pão e de livros”, e registramos o sentimento que brota destas lágrimas. E dali saímos buscando as razões desta fome.

Atualizamos o legado do Menino que Lia o Mundo quando temos esperança, e pela sua força nos insurgimos coletivamente contra a opressão. Quando plantamos mangueiras, jequitibás, timburana, pau brasil, jacarandá, manacá da serra, ipê-branco, com raízes profundas para proteger nossas fontes de água cristalina e nos dar alento nas horas de cansaço e de dor; quando vamos ao encontro das pessoas analfabetizadas de nossa comunidade, e buscamos juntos promover um projeto de alfabetização para que todos possam fazer a leitura do mundo e dizer a sua palavra, alimentados com comida de verdade e esperança de um outro mundo onde seja menos difícil amar. O mantemos vivo entre nós quando registramos e sistematizamos nossas experiências educativas para posterior reflexão-ação. Ele permanece vivo entre nós quando colocamos em prática a pedagogia do “povo cuidando do povo”, com alimentos saudáveis em suas mesas. Seu legado será eternamente atual se não deixarmos sua pedagogia ser aprisionada, como fizeram os opressores em 1964.



Referências bibliográficas

BOLETIM DA EDUCAÇÃO n.15. *Paulo Freire e a Pedagogia do Trabalho Popular*. São Paulo, MST, 2020.

CAMINI, Isabela. *7 Cartas da Pandemia*, 2020. Circulação livre.

CAMINI, Isabela. *Paulo Freire e a Escola Itinerante do MST*, 2021. (Texto no prelo Revista Decisio/México).

CAMINI, Isabela; STEDILE, João Pedro. *O Encontro de Paulo Freire com o MST, 2020*. (Texto no prelo – Paz e Terra).

COLECTIVO NACIONAL DEL CEEAL EM CUBA. *Paulo Freire entre nosotros*. Cuba e México, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 32ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança - Um reencontro coma Pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*. São Paulo, Unesp, 2000.

FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo, Editora UNESP, 2000(a).

LANGER, Shirley. *A Revolução de Anita*. São Paulo, Expressão Popular, 2020.

MST. *Paulo Freire e a Pedagogia do Trabalho Popular*. *Boletim da Educação* n. 15. São Paulo, 2020.

PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (Orgs). *Paulo Freire uma Arqueologia Bibliográfica*. Curitiba, Appris, 2019.